ADÃO VENTURA A
BRIR-SE UM ABU
TRE OU MESMO D
EPOIS DE DEDUZ
IR DÊLE O AZUL

ABRIR-SE UM ABUTRE
OU MESMO DEPOIS DE
DEDUZIR DÊLE O AZUL

ADÃO VENTURA

ABRIR-SE UM ABUTRE OU MESMO DEPOIS DE DEDUZIR DÊLE O AZUL

EDIÇÕES
OFICINA

planejamento gráfico da capa:

sebastião g. nunes

para

murilo rubião

affonso ávila

e

wandermon alves brandão

1. cada uma das mãos o dividiu em viagens.
as flôres estavam fatigadas com o desconsôlo das declarações de amor. não havia relógios nem outras perfurações que os identificassem. lygia enxugou os pratos com o último dos envelopes. era expressamente proibida a entrada de pessoas de côr naquele REIcinto de segurança. vendem-se empregadas domésticas que saibam descascar BACH. ou ainda:

sensacional liquidação de lilases especializados em pacto com o amanhecer. tergal também serve para encadernações de corpos humanos. de asas abertas no oceano nós nos encontraremos. o prédio tem vinticinco (tu) andares fora o subsolo abaixo dos braços de lygia. vendem-se a prazo: ternos para principiantes & decalcomania para recém-casados. meus títulos protestados no alto daquela pirâmide não haverá mais jogos. a fazenda tem amplas paisagens e superfície azêda mas o pagamento à vista é limitado por cêrcas de arame farpado móveis e outras bijuterias.

2. lygia tinha os olhos gastos de lágrimas. proibiram-se as entradas e as saídas dos portos e a

placa foi violentamente arrancada do peito do cego quando a noite ia cair e inutilizar a presença dos homens. o suco das frutas continua intacto e a mesa será posta na primeira sombra. não a denunciarei aos pássaros nem a condenarei ao roteiro dos ventos.

— naquele tempo havia cabelos úmidos e puros como as raízes da terra.

— nossas sombras não se apagarão dos textos impuros dos dragões extintos.

— nossos corpos estão cansados e tortos.

— suas vestes alvas e inconsúteis não anularão o sal da terra sedimentado nos fundos dos caminhos.

— a côr está dividida nos olhos; nossa identidade está inscrita na pele dos corpos envelhecidos no limbo.

— as pontes não se ocultarão ao desespêro das mãos.

— as linhas de comunicação estão cortadas e os meninos de RENOIR serão deportados em lençóis azuis.

— as sombras continuarão justas e nas janelas armaremos os espelhos para as fugas.

3. os ruídos vinham do sul de nossos cérebros. lygia nos entregou aquela fome diluída de esperanças de longe de seus avós. a guerra acabada em nós vestia de verde os campos. — era comum aquêle itinerário encadernado e nôvo por onde os homens passavam ávidos de liames. a lâmina da faca penetrou no corpo de pedras aguçadas de origens. — o sol não brilha nas solidões de nossos corpos profundos de escavações. só assim nos

foi possível viver naquele êrmo distante de mãos decepadas para o encontro. "na última ceia já éramos velhos: um dia eu fôra menino e senti o meu corpo livre penetrar no mundo; as pessoas olhando-nos dissecaram-me de olhos duros, perdidos de existir." mas uma passagem havia ficado em nós: a passagem que leva de encontro à parede, a passagem que martiriza para o mêdo. "restavam os bichos; a gente poderia ser bicho: os bichos não apodrecem tão fàcilmente como os homens, os bichos não possuem árvores genealógicas, nem livros de linhagens, êles se vestem de acôrdo com os espécimes, suas roupas nunca mancham, nunca deformam e são prèviamente encolhidas."

4. os meninos vinham de fora, de meio mundo, e a caminho disseram que tinham pés. — não adiantava porque nas sombras o gerar dos frutos já era tarde. só os velocípedes em círculos metiam mêdo lunático nos olhos. — mãos enferrujadas de pedras e outros antepassados do dilúvio confirmavam o amor-maior até a última sílaba pronunciada após as aves. — os corpos mostravam as molas dos dentes clandestinos de roupas fáceis. — as sementes plantavam nos olhos permanências de reis conjugados e substituídos. "servos éramos todos: os portais, os sais dos olhos etc."
(alguém deveria esperar pela primavera.)

5. as portas são grandes e estão fechadas mas o amor existe porque teus olhos denunciam manhãs claras. § era necessário percorrer aquelas estradas; havia nascimentos e os muros conservam ainda a tatuagem do sono. § as cadeiras se alinhavam em posições contrárias e eram cobertas pelas sombras periódicas dos meninos adormecidos de esquecimentos. § nas profundezas do rosto as lágrimas são velhas e se aprodecem de mêdo.

6. sòmente diques colocados no ouvido poderão atenuar os tijolos de nossa carne. não é mais possível destruir o pacto ou reduzí-lo ao tamanho postal dos desencontros. poderemos recuperar o pôr do sol ou o pôrto de nossos traços fisionômicos:

mas articulemos o fio de cabelo unido à capsula solar dos mortos desesperados nos escombros destas deduções geogràficamente usadas nos ditames do corpo. lygia mantinha a garganta substancialmente asfaltada de esqueletos.
na primeira rua havia ficado a partitura dos pés e outros oleodutos. pela manhã os últimos bálsamos seriam triturados na viagem destronada e impressa em fogo. nunca seremos sementes no degêlo do plantio destas pedras conjuntamente pressupostas. mas o meu desconsôlo é o desconsôlo dos anjos amargos que manipularão o êrro.

7. teu corpo inscrito às margens dos rios desenrola barulhos de pés que se perderam. do amargo lenho

onde plantaste teu rosto sobra o vestido inútil das descobertas. o espelho é fácil: o difícil é descobrir nêle o nosso ponto de partida. o jazer do môfo não dissipa a angústia do teu silêncio. a morte muitas vêzes antecede as definições do corpo, mas o ventre da terra abriu-te em frutos.

8. em concha de terra alguma meu corpo é feito de chão batido e puro, de mata-burros de muitas léguas, estrada morrida de sonhos e ossos, latidos de cães estampados no cimento dos olhos. não nego que já tive flôres para atravessar rios, dêsses de espumas e de chuvas de muitos peixes, sem sarcófagos e sem chaves. meu corpo não possui andares de elevadores automáticos (conjuntos residen-

ciais de areias e insônias), super-facilitados c/quitinetes desmontáveis. devo a vida ao fio de alta tensão que me prende os dentes —, plaquetes de muros e ruídos.

— fôsse eu profeta ou tivesse nas mãos a lei das doze tábuas, faria descer nuvens, uma por uma, sôbre o teu corpo até que ninguém mais pudesse te ver e te cobriria tôda contra a nueza das palavras, porque nunca fui guerreiro nem aquiles, e meu caminho é imperfeito, mas sei que tens cabelos verdes e garcia lorca morreu em granada. teus digitais dourados inutilizam as nossas vozes neolíticas; plataformas de súplicas — raízes de olhos secos de árvores. não tenho a matriz dos mares de onde não se tem fim, sem ser rei ou súdito, aqui ou em haiphong.

9. o primeiro filho nascera coberto de arame farpado; montanhas circundaram-lhe o corpo. axilas douradas compactuavam com o seu sétimo dia. seus cabelos pré-fabricados de espumas impunham amor nas ataduras dos deuses. seu primeiro dente obstruía as entradas dos navios no pôrto e os passaportes para os pássaros.

— compraram-lhe roupas verdes de raízes; suas mãos conduziam cordas e sombras para o desencanto dos mortos.

— fizeram-no mártir; sua vestimenta de gases mortíferos envenenava palavras e adulterava sonhos. os parentes vieram visitá-lo e ofereceram-lhe pontes; seu corpo foi completado por madeiras. as mulheres quiseram dividi-lo em ciúmes, mas sua sombra imprimia silêncio. — quando a faca chegou,

seu corpo abriu-se em sofrimentos, a carne não se conteve e escancarou-se em portas; de suas entranhas desertaram terras (posses de acabadas eras.) lembro-me dos sóis desatados de suas tranças, seu nome incrustado no limbo corroía estátuas de mil séculos.
— o jardim já estava nos olhos semicerrados de cêra.

10. fomos possuídos pelos fósseis; mãos de girassóis inocentavam nas pedras o vazio dos ossos. minha pele espêssa ainda se reconstrói dos escombros do dilúvio.
— um dia fomos flôres, rostos sazonados madrugavam crateras de selos mortos e restos de pássaros.
— mãos quebradiças demarcavam canaviais antigos de ferrugem, fábrica de sol em descampados de

corpos, pontes retorcidas de pés e suores. também fomos escravos de galeras, redutos de agudas fomes; eu vento — rumo de mim mesmo, eu-habitante dessa máquina de construir sombras, fôlha inanimada de séculos, rosa de árida marca, dobro-me diante dêsse cadáver atravessado de sono, onde cansados cicatrizamos latifúndios de ventres incandescidos. "houve um tempo em que os animais falavam; de suas bôcas saíam textos de luzes; viajantes amanheceram mortos em seus membros."

11. consta que sua voz-espaço 2 (dois) tamanho-ofício-papel timbrado fôra colocada numa arca que por mil anos ninguém a ouviu, nem por notícias, as mais urgen-

tes possíveis, mesmo dadas de mãos postas e que os amantes não confirmaram o mínimo conhecimento de sua existência! porque amar é um mundo distante, separado de muitas malas de lembranças & caminhos. também consta que tinha corpo mas seu corpo foi consumido pelas guerras, suas roupas foram doadas aos escravos apátridas de tôdas as dores. aventureiros utilizaram-se de suas sandálias para atravessar mapas e mistérios oceânicos. seus cabelos foram levados pelas tempestades e transformados em nuvens. "sabe-se que fôra vista em auschwitz e que seus olhos incendiaram hiroxima."

12. eu existo com êste corpo todo, plantado no cereal onde o tem-

po esqueceu sua marca de ferro em brasa, que por muitos anos permanecerá gravada na pedra onde entalhei minha sombra, onde as sementes secaram o último sumo que existia nos olhos, mesmo de azul. agora eu me sinto o mais deserto de todos, porque o mêdo me impede de estender as mãos até o rio de teus olhos e dizer de corpo inteiro e de testemunho o que se forma dessa descoberta. só me resta o rosto marcado, meus braços foram retorcidos pelo vento.

13. teodoro viveu antes de nossa era, suas mãos ligaram cipós até o descobrimento. henriqueta perdeu sua existência pelas florestas, lygia possuiu cavalos de mil pés e tempestades, ângela não

existiu. — vozes entoaram te-
deums de além pedras.

quando êles partiram
levaram consigo estátuas de sal,
castelos, fortificações, ordens pa-
ra declarações de amor etc. ja-
mais alguém voltou para assistí-
-los ou justificá-los, apenas as pa-
redes, as paredes grifadas de som-
bras secaram os rios do desencan-
to. por isso espero as últimas pa-
lavras do juízo final onde inúme-
ros bosques dormem cerzidos de
retratos mudos de paredes.

14. minha vontade foi só de que-
rer penetrar no seu rosto e para-
fusá-lo de verde. meu corpo che-
gou até o musgo das mãos entre-
laçadas de desesperanças. — tam-
bém dou razão às marcas açoita-
das no teto de sua carne sincroni-

zada de vidro. — alguém certamente perguntará pelos anjos — êles permanecem parados no tempo à espera de outra decomposição. não sei como vestir-se de relvas o seu corpo, o seu sorriso incompleto, os seus pés de pedra, a seiva de cipós de sua sombra; ou pelo menos, se eu conseguisse traçar na areia a sua imagem onde habito-me em sêde. — talvez eu pudesse beijar você agora, neste momento, mas os meus dentes estão circundados por pedras — êles sofrem pressões de mil montanhas e caos: façamos papa-ventos de cinzas — assim redescobriremos as noites suspensas na infância.

15. o fio da meada cerrou os dentes do gigante rente aos ossos, e ninguém percebeu que o escuro

das botas solfejava nojo, que as escadas encardidas de escamas não levavam trigo para abastecer os monstros, que a mistura de tréguas e lágrimas evaporou no estômago opaco das ferragens, que o rosto foi recolocado no espelho e declarado inútil, que os ângulos dos sonhos mediam sem cessar as estações híbridas, que a voz dos pastôres continuava a caminho das pedras, que a agulha dos gestos atingiu o poço do bôlso em decúbito dorsal, que as paisagens visavam o conteúdo dos navios esverdeados de mêdo, que teodoro nunca vestiu sua camisa elétrica porque o fio da meada cerrou os dentes do gigante rente aos ossos.

índice